



Jane Tutikian

A cor do azul

Ilustrações: Saulo Garroux/David Garroux

22ª edição

ENTRE
LINHAS
COTIDIANO

 **Atual**
Editora



Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/Marcelo Zanon/Edilene Martins dos Santos

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • Setsumi Sinzato

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Liliana Oliván

Impressão e acabamento •

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tutikian, Jane

A cor do azul / Jane Tutikian ; ilustrações Saulo Garroux. — São Paulo : Atual, 2009. — (Coleção Entre Linhas: Cotidiano)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0408-2

1. Literatura infantojuvenil I. Garroux, Saulo. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Jane Tutikian, 1984.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810409

CAE: 602649

Todos os direitos reservados.

10ª tiragem / 2019

“Ninguém te poderá ensinar a viver, esta aprendizagem, esta ciência e esta arte é sempre uma conquista pessoal. Valoriza o bom e o belo e vibra, sempre, com tudo o que existe de sentimento e emoção na beleza de viver plena, autêntica e profundamente no ritmo constante do amor.”

Sarah Iankilevich (agosto de 1967)

*Para vovó Etelvina,
verdade de um antigo sonho.*

Sumário

Invasores vermelhos 7

A certeza do sonho 15

O grande dia 27

De pato a cisne 37

O novo grande dia 51

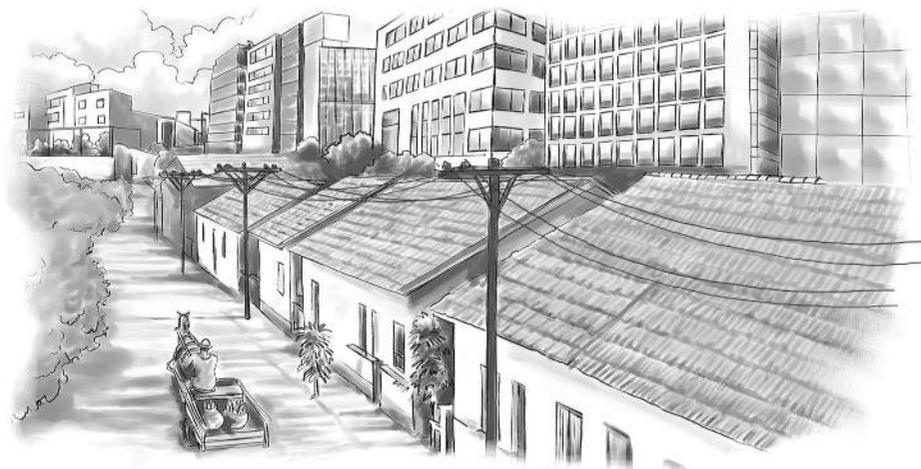
Atrás do sol 66

A cor do azul 88

A autora 100

Entrevista 102

Invasores vermelhos



Ora, aquele era, sem dúvida, o maior presente! Os homens de terno vermelho examinavam o terreno do estacionamento, gesticulavam, incessantemente, gesticulavam, mediam, caminhavam de um lado para outro, e seu João atrás deles, sem nenhuma palavra, amarelo, franzino, imberbe, absolutamente indecifrável.

De longe, houve quem pensasse que comprariam o terreno e aí começaria o fim do fim. Sobretudo as mulheres, amparadas por suas portas, eram as que mais padeciam da expectativa: eram feitas de respiração e olhos curiosos. Fosse vendido o terreno e começariam todos a perder os anos já perdidos de suas vidas e, o pior: a esperança na crença de que, um dia, tudo poderia melhorar.

•

Bastava levantar os olhos para que se percebesse o perigo já tão próximo. Rapidamente a rua começava a ficar ilhada por imponentes edifícios – malditas aspirações petrificadas de cada uma das trinta famílias.

Infeliz? Não. Não que fôssemos infelizes, a ruazinha estreita, de pequenas casas coladas, sem cor e sem números, só às vezes se lembrava do mundo: quando percebia, à sua boca, a passagem de ônibus, carros e carroças desencorajados de cruzá-la.

Para uns, ela era apenas um beco. Para outros, os vendedores entre eles, ela não existia. Na verdade, só passavam por lá, desde que seu João adoeceu e terminou com o estacionamento, a carroça do padeiro que, ainda madrugadinha, jogava o pão pelas janelas entreabertas (quem roubaria o quê? de nós?) e a do português, um verdureiro gordo, esparramado, de quem a gente roubava vergamotas. Bem que ele sabia, mas sorria de um sorriso bonachão e continuava caminhando mole, cansado.

É, só para nós a rua era a *Avenida*, só para nós significava tanto ou quase tudo. Era o nosso mundo, afinal!

Não. Nada abstrato nem poético ou qualquer coisa assim. Era o nosso chão, o que tínhamos e o que apenas sonhávamos havíamos plantado ali.

Claro! Algumas vezes sentíamos vergonha da nossa pobreza, porque algumas vezes se sente vergonha de não se ter mais. Muitas e muitas vezes peguei minha mãe chorando, agarrada ao ferro. Ela resumia tudo o que achava que eu não podia entender em apenas duas palavras: muito calor... E eu aceitava, mesmo sabendo que o um pouco melhor era sempre mais caro e o sempre, sempre impossível, aceitava com uma dor na garganta, mas optara, desde pequena, por ser forte e presa a ela como o filhote que se alimenta do cheiro da mãe, disfarçava e disfarçávamos o que, pelo menos naquela hora, parecia tão sem solução.

Geralmente as mães costumavam dividir os problemas entre si e, de tudo, apenas captávamos meias palavras, mas havia, sempre, aquela que não se continha e passava adiante, como um telefone sem fio, e logo, logo, toda a rua ficava sabendo de tudo sobre a vida de cada um.

Dona Glória, do 47, pregava com ar filosófico e profético de bruxa experiente:

– Quem conta um conto aumenta um ponto.

E aumentava.

Amizade? Existia, sim, e, dentro dela, uma espécie de consciência de que, se se dividisse a pobreza, poder-se-ia transformá-la, senão em fartura, pelo menos em variedade. E era gostoso.

Vizinhávamos as roupas – as que iam ficando pequenas – e até a comida – eram panelas e pratos que iam e vinham cheios de coisas diferentes, ia feijão, voltava abóbora, ia sopa, voltavam bolinhos de arroz – para, depois do almoço, sentarmos nas portas e calçadas, aproveitando o calor triste do sol de inverno, e comermos as laranjas de umbigo e as vergamotas do portuga.

As mães aproveitavam para falar dos planos que tinham para os filhos, e nos olhos emocionados havia sempre uma aposta, vaga e melancólica, num quem sabe?, doutor... que só quem está bem de vida, hoje em dia, é doutor...

E nós brincávamos indiferentes a todas essas preocupações. Éramos felizes a nosso modo, mas felizes. Eu?

Não. Não posso dizer que não houvesse brigas, havia e muitas. E delas, invariavelmente, eu fazia parte. Cabelos muito curtos, escondendo os odiosos crespos, roupa suja, pés descalços, rosto melado das guloseimas roubadas do armazém do seu Isaac – também! ele deixava ali, na ponta do balcão, tão pertinho, tão caro, tão irresistível, tão dificilmente fácil –, as mãos na cintura, e a voz rouca de botar a boca no mundo, tentando sustentar as razões em uma enfiada de desaforos. Mãe nenhuma escapava. Filho nenhum me ganhava. Mas era o meu jeito e o meu mundo e tão somente onde, apesar, era compreendida nas minhas implicâncias, nas minhas tantas intolerâncias, na minha secreta (secreta até quando?) luta de uma infância que tentava permanecer num corpo em que a adolescência insistia em chegar.

Quem cai fora és tu

Cara de tatu.

Agora, tudo começava a ser ameaçado. Como é que poucas pessoas podem mudar o destino de muitas pessoas? assim? num dia

qualquer assim?? de tarde assim??? Quem perguntou se eu queria?
Quem perguntou se nós queríamos? Quem???



Seu João continuava atrás dos homens engravatados. De todas as portas e janelas saltavam olhos, cresciam ouvidos.

Dona Raquel, tropeçando no sotaque hebraico, com a esperteza da raça – na minha rua todo o mundo dizia que judeu é muito esperto – mandou que nós fôssemos brincar lá perto, talvez pudéssemos escutar alguma coisa...

Fomos.

Não sabíamos por que deveríamos escutar alguma coisa, mas fomos. Voltamos logo, ofegantes. Ouvimos sim, falavam em dinheiro.

– Quanto “dinheirro?” Quanto “dinheirro”? – perguntava dona Raquel quase desesperada.

Não sabíamos responder.

– Seu João nos mandou embora, mas disse que a gente pode voltar depois – explicou, sorridente, o Celso.

– Oh! E “agorrra”? E “agorrra”? – Ela carregava ainda mais nos erres quando estava nervosa.

– Agora o quê? – arrisquei.

– Eles vão “venderrr” tudo, eles vão “venderrr” a rua!

– Vendem nada! – replicou Maria da Glória. – Meu avô me disse que a rua é pública, é de todo o mundo e não é de ninguém.

Irritada, dona Raquel nos pôs de lá para fora:

– Vocês não entendem nada mesmo, nada, nada.

Aos poucos fui me dando conta do que significava aquele ar pesado de expectativa e ansiedade. Tudo poderia começar pelo estacionamento, depois uma casa, depois outra e outra ainda, e seriam todas e.

Não quis perguntar para a minha mãe se adiantava a rua ser pública, não tinha coragem de saber.

O que eu sentia, de repente, era o tamanho da descoberta que eu queria ter descoberto num outro dia, de uma outra forma: não saberia mais viver sem o Celso, o Tonho, o Inácio, a Maria da Glória e a Elisa. Tentava imaginar, mas não podia. Era pior do que a morte de uma pessoa. Era a morte de todas as pessoas num mesmo dia.